

## **AÇÕES DE DIFUSÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO PARQUE ESTADUAL MONTE ALEGRE, ESTADO DO PARÁ**

Edithe Pereira\*

“Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória, não existimos, sem responsabilidade, talvez não mereçamos existir.”

José Saramago

### **Introdução**

Lembro como se fosse ontem quando, pela primeira vez, entrei em contato com a Arqueologia da Amazônia. Era estudante do curso de História da Universidade Federal do Pará iniciando estágio na Área de Arqueologia do Museu Goeldi. Ao me deparar com milhares de fragmentos de cerâmica dispostos sobre as longas mesas dos laboratórios da centenária Instituição, me perguntei: como vou conhecer o passado dos povos da Amazônia estudando apenas esses “caquinhos” de cerâmica? Onde estão as pirâmides, as grandes cidades, as peças em ouro?

O desejo que eu tinha de ser arqueóloga era tão grande quanto a minha ignorância sobre a Arqueologia da região onde eu vivia. Isso foi há mais de 30 anos quando a pesquisa científica vivia “encastelada” em si mesma e seus resultados – de difícil compreensão - divulgados apenas no meio acadêmico, um espaço privilegiado para poucos.

Hoje vivemos outros tempos, onde tão importante quanto fazer ciência é disponibilizá-la ao grande público de forma palatável e até mesmo lúdica. A diversidade de meios para atingir esse objetivo nos dias de hoje é uma ampla via aberta, basta querer percorrê-la.

A Educação Patrimonial, termo introduzido no Brasil na década de 1980, tornou-se um dos principais caminhos para o reconhecimento, valorização e apropriação do patrimônio cultural. Horta, Grunberg e Monteiro definem Educação Patrimonial como...

(...) um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato

---

\* Possui Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará, mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Geografia e História pela Universidade de Valência, Espanha. É pesquisadora titular e arqueóloga do Museu Paraense Emílio Goeldi. Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Pré-Histórica. edithepereira@museu-goeldi.br

direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

Em 2014, o IPHAN, através da Coordenação de Educação Patrimonial – CEDUC, definiu a Educação Patrimonial como apresentado no trecho a seguir:

(...) todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação a natureza processual das ações educativas, não se limitando a atividades pontuais, isoladas e descontínuas (IPHAN, 2014).

A difusão do conhecimento científico pode ser considerada, dentro de um processo educativo voltado para o patrimônio, como uma ação inicial de caráter mobilizador onde a importância do patrimônio passa a ser conhecida e dá início ao seu processo de valorização.

Foi pensando nesta ação inicial de difusão dos resultados das pesquisas arqueológicas de Monte Alegre que foi elaborado o projeto *Arte rupestre de Monte Alegre – difusão e memória do patrimônio arqueológico*<sup>1</sup>. Calcado na premissa de que o conhecimento compartilhado sensibiliza para a importância dos vestígios e sítios arqueológicos, o projeto constitui a base para trilhar o caminho preconizado por Horta, Grunberg e Monteiro (1999) de conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural tornando-a um bem comum.

Ao ser incorporado pela população como algo que lhe pertence, que faz parte da sua história, o patrimônio arqueológico ganhará fiéis defensores que ajudarão a conservar para as futuras gerações o legado deixado pelos nossos antepassados.

Desta forma, o projeto teve como objetivo principal oferecer a um público amplo e diversificado as informações científicas produzidas pela pesquisa arqueológica sobre a arte rupestre de Monte Alegre.

Visando o maior alcance possível de público o projeto utilizou diversos meios para a divulgação das informações produzidas pelas pesquisas científicas realizadas em Monte Alegre. Desde o tradicional livro impresso, passando pelo vídeo-documentário, a

---

<sup>1</sup> O projeto foi premiado pelo Edital 2001 da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) e é uma realização dessa Sociedade e do Museu Paraense Emílio Goeldi sob o patrocínio da Petrobrás.

produção de 15 aquarelas, duas exposições, uma edição especial do jornal de divulgação científica *Destaque Amazônia*, um *hot site* que disponibilizou gratuitamente na *web* versão digital do material produzido. Além desses produtos, também foram realizadas rodas de conversa com a comunidade para tratar sobre o projeto, o material produzido e as ações educativas realizadas.

Esse conjunto de ações aconteceu primeiramente em Monte Alegre e depois em Belém (Figura 1). Priorizar Monte Alegre na realização do projeto através da exposição, do lançamento dos livros e do vídeo e da distribuição do material para as escolas e bibliotecas teve como objetivo proporcionar aos moradores desse Município e de outros do baixo Amazonas o acesso direto as informações produzidas pelas pesquisas. A carência que as cidades do interior da Amazônia têm com relação as informações do patrimônio arqueológico da região foi a grande motivação que nos levou a concentrar as atividades desse projeto inicialmente em Monte Alegre estimulando, dessa forma, a preservação do seu patrimônio arqueológico.

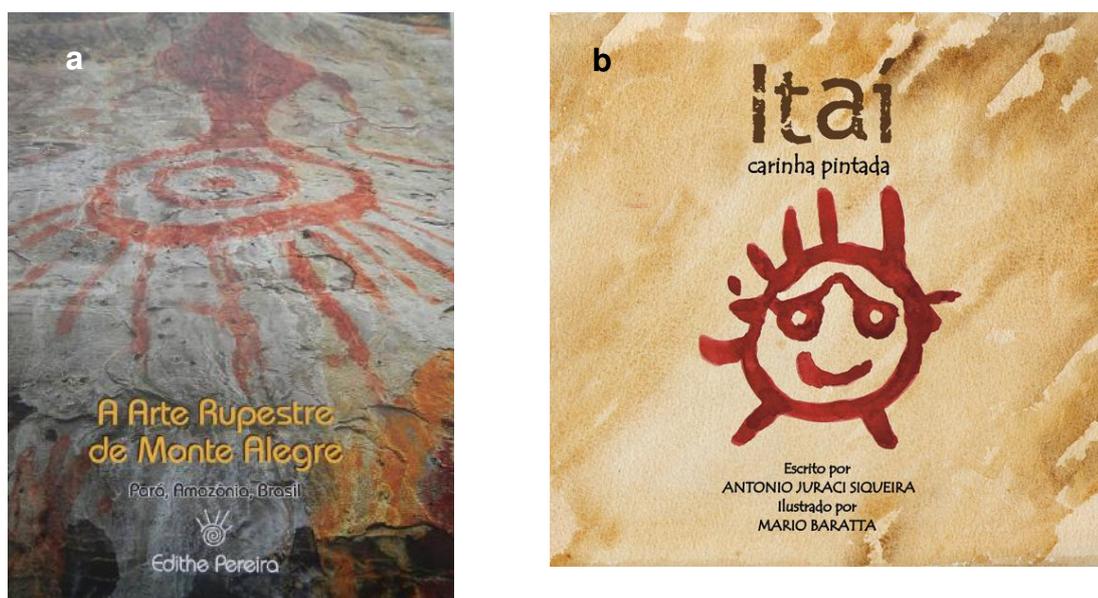


**Figura 1** - Localização das cidades de Belém e Monte Alegre. **Fonte:** Aquarela de Mario Baratta reproduzida do livro "Itaí - a carinha pintada", 2012

Oferecer a população de Monte Alegre informações sobre o patrimônio arqueológico da sua região é uma forma de aproximá-la de uma realidade que lhe tão próxima fisicamente, mas tão distante em termos do que representa para a compreensão da história do homem da região. O projeto articulou o agir localmente, com o pensar globalmente, relacionando ações presenciais e compartilhamento de informações gratuitas na *web* e redes sociais.

## Os Produtos

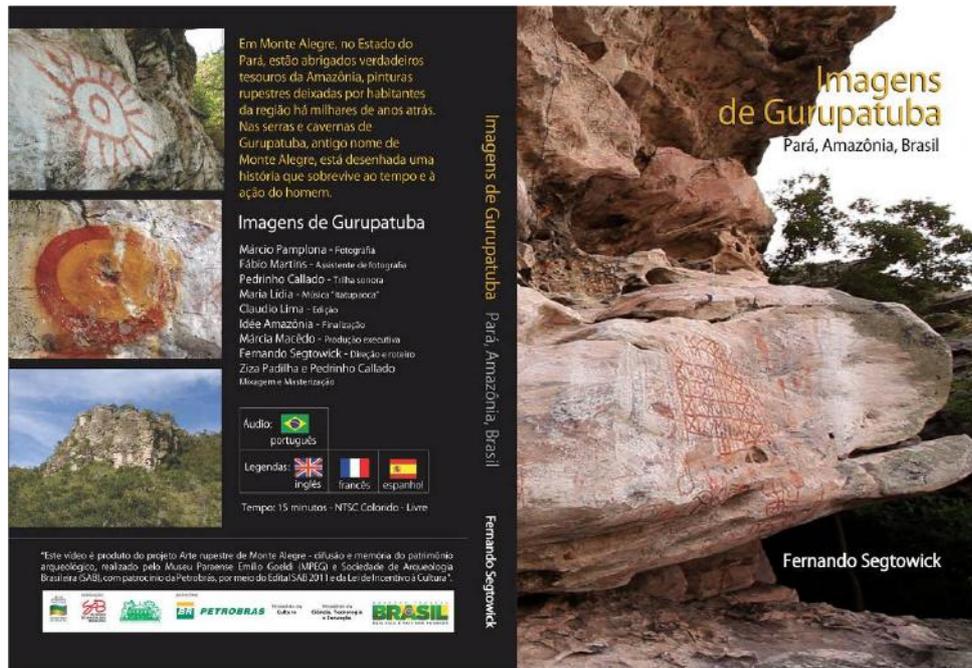
Foram elaborados dois livros (Figura 2 a e b), *Arte Rupestre de Monte Alegre, Pará, Amazônia, Brasil*, de autoria de Edithe Pereira e *Itaí - a carinha pintada*, escrito por Juraci Siqueira e ilustrado por Mario Baratta. O primeiro apresenta os resultados das pesquisas da arqueóloga Edithe Pereira em Monte Alegre e o segundo, voltado para o público infanto-juvenil, foi inspirado nas pesquisas dessa arqueóloga. Além da tiragem impressa, também está disponível para leitura a versão em *e-books* desses livros no *hot site* do projeto.



**Figura 2 (a e b)** - Capas dos livros *A Arte rupestre de Monte Alegre* e *Itaí – a carinha pintada*, 2012

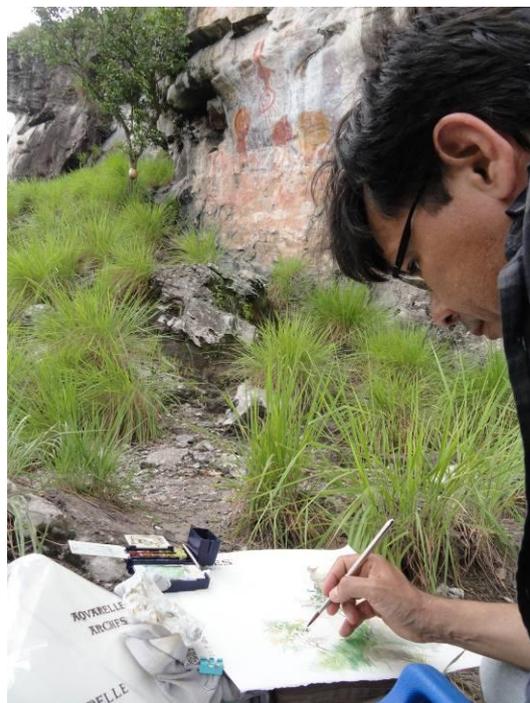
O vídeo-documentário *Imagens de Gurupatuba* (Figura 3), foi dirigido por Fernando Segtowick e apresenta a região de Monte Alegre, seus sítios arqueológicos e a sua história através dos depoimentos de Arenildo Silva, professor da rede de ensino de Monte Alegre; do Dr. Roberto Vizeu Pinheiro, professor da Universidade Federal do Pará, geólogo e espeleólogo responsável pelos estudos das cavernas de Monte Alegre; do Sr. Humberto Brito Assunção, morador da comunidade do Ererê em Monte Alegre e profundo conhecedor das serras do Parque Estadual Monte Alegre, e da Dra. Edithe Pereira, arqueóloga do Museu Emílio Goeldi que estuda as pinturas de Monte Alegre desde 1989. O vídeo tem a duração de 15 minutos, áudio em português e legendas em espanhol, inglês e francês. Além da tiragem impressa em DVD, o vídeo-documentário também está disponível para *download* no portal do Museu Goeldi <sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.museu-goeldi.br/portal/content/imagens-de-gurupatuba>>. Acesso em: 08 nov. 2017.



**Figura 3** - Encarte do filme Imagens de Gurupatuba. Reprodução da capa do DVD “Imagens de Gurupatuba”, 2012

O arquiteto e aquarelista Mario Baratta pintou *in loco* 15 aquarelas e fez diversos *sketches* dos sítios arqueológicos e das pinturas rupestres localizadas nas Serras do Ererê e Paituna (Figuras 4 e 5). Essas aquarelas fizeram parte da exposição *Visões – a arte rupestre de Monte Alegre*.



**Figura 4** - Mario Baratta no sítio Serra da Lua. Foto: Edithe Pereira, 2012

a



b



**Figura 5 (a e b)** - Aquarelas produzidas por Mario Baratta no sítio Serra da Lua, 2012

Um número especial do *Destaque Amazônia* - jornal de divulgação científica do Museu Goeldi - sobre o projeto “Arte rupestre de Monte Alegre – difusão e memória do patrimônio arqueológico” teve uma tiragem de 5000 exemplares (Figura 6). O alcance da versão impressa desse jornal é nacional e internacional sendo enviado para mais de 3000 mil instituições, escolas, bibliotecas, pessoas físicas e imprensa. O jornal tem também de uma versão digital livre para ampla divulgação disponível no *hot site* do projeto que está hospedado no portal do Museu Goeldi.



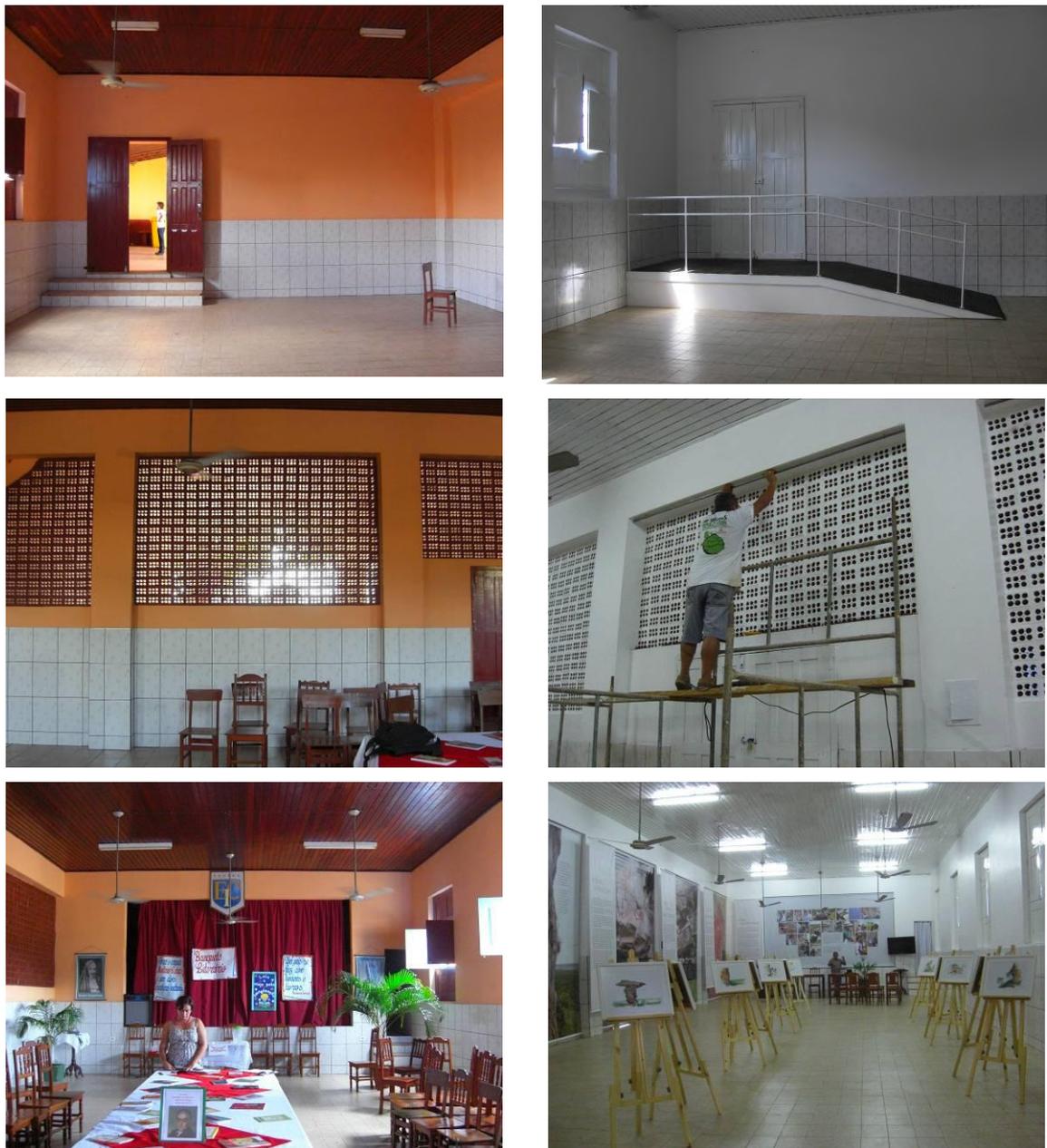
**Figura 6** - Capa do jornal de divulgação Científica *Destaque Amazônia*, 2012

Um *hot site* sobre o projeto foi organizado e está hospedado no portal do Museu Emílio Goeldi ([www.museu-goeldi.br](http://www.museu-goeldi.br)) e pode ser acessado diretamente através do link <http://marte.museu-goeldi.br/arqueologiamontealegre/>. Através dele estão disponibilizados gratuitamente na *web* utilizando *softwares* livres os seguintes produtos: versões digitais dos livros (*e-book*), a edição especial do jornal *Destaque Amazônia*, um passeio virtual pela da exposição *Visões* montada em Monte Alegre. Além disso, também está disponível para *download* um banco de atividades de Educação Patrimonial para que os professores apliquem em sala de aula. Além de notícias divulgando as ações do projeto, foi planejada e desenvolvida uma estratégia de comunicação multimídia que incluiu a produção de dois *booktrailers* que anteciparam o lançamento dos livros; 13 entrevistas editadas em vídeos de bolso com a coordenadora do projeto, parceiros, especialistas convidados, gestores, parlamentares, alunos e professores de Monte Alegre; campanhas de divulgação e mobilização através das redes sociais *Facebook*, *Youtube* e *Twitter*.

Para a divulgação do evento, tanto em Monte Alegre como em Belém, foi produzido convite impresso, convite virtual, *fly* com a programação do evento e folder (bilíngue) sobre a exposição. Os dois últimos distribuídos gratuitamente aos visitantes da exposição.

## As Ações em Monte Alegre

A exposição *Visões - a arte rupestre de Monte Alegre* foi montada no salão Nobre da Escola Imaculada Conceição, localizada no centro da cidade de Monte Alegre. Foram feitas várias adaptações no local que recebeu a exposição e que trouxeram melhorias para a esse espaço da escola (Figura 7) e algumas delas – como a rampa de acessibilidade - foram mantidas pela escola após o término da exposição.



**Figura 7** - Entrada do Salão Nobre da Escola Imaculada Conceição vista a partir do seu interior (a) antes e (b) depois das adaptações (pintura das paredes, porta e janelas e confecção da rampa de acessibilidade). As paredes laterais e o teto do Salão Nobre antes (c) e (d) depois da pintura. Interior do Salão Nobre (e) antes das intervenções e (f) com a exposição montada. **Fotos a, b, c, d:** Norberto Ferreira, 2012. **Fotos e, f:** Edithe Pereira, 2012

A exposição foi aberta ao público no dia 13 de dezembro de 2012 (Figura 8 a, b, c e d) e encerrou no dia 15 de março de 2013 – dia do aniversário da cidade de Monte Alegre – perfazendo um total de três meses. Com entrada grátis, a exposição recebeu mais de mil visitantes, a maioria, filhos da região. Findo este período a exposição foi doada à prefeitura de Monte Alegre para que continue sendo apresentada ao público<sup>3</sup>.



**Figura 8** - Aspectos da exposição *Visões* no dia da sua abertura em Monte Alegre. **Foto a:** Edithe Pereira, 2012. **Fotos b, c, d:** Acervo Museu Goeldi/Serviço de Comunicação Social, 2012

Durante a abertura da exposição foi exibido o filme *Imagens de Gurupatuba* e feito o lançamento dos livros *Arte rupestre de Monte Alegre* e *Itaí - a carinha pintada*.

Uma roda de conversa aconteceu no dia 14 de dezembro de 2012 nas dependências da Escola Estadual Tecnológica do Pará, em Monte Alegre. Durante três horas os integrantes do projeto conversaram sobre a pesquisa e as ações realizadas no âmbito do projeto com alunos, professores, líderes comunitários, jornalistas, funcionários da Secretária Estadual de Meio Ambiente, da Prefeitura de Monte Alegre e demais interessados.

---

<sup>3</sup> Desde a sua entrega a exposição já foi montada na escola Carim Melem e no Centro Cultural Santa Luzia, em Monte Alegre e na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), em Santarém.

Antecedendo a roda de conversa a coordenadora do projeto, Dra. Edithe Pereira, homenageou com uma placa e um álbum de fotos o Sr. Humberto Brito Assunção. Morador da comunidade do Ererê e funcionário aposentado da Prefeitura de Monte Alegre. Humberto Assunção dedicou grande parte da sua vida a explorar e proteger as serras e os sítios arqueológicos que hoje integram o Parque Estadual Monte Alegre.

As ações educativas realizadas em Monte Alegre visaram otimizar o aproveitamento do conteúdo do material produzido pelo projeto e para isso foi imprescindível um serviço de educação que contemplasse a capacitação de mediadores culturais para a exposição e a capacitação de professores para utilização dos livros e do vídeo em sala de aula.

A capacitação de mediadores culturais teve carga horária de 40 horas e dela participaram 16 alunos, previamente selecionados na rede pública de ensino (Figura 9). O curso de capacitação dos professores contou com participação de 27 professores da zona urbana e rural de Monte Alegre bem como, técnicos da Secretária Estadual de Meio Ambiente (SEMA). O curso teve duração de três dias e carga horária de 24 horas.



**Figura 9** - Alunos de Monte Alegre exibem seus certificados de participação no curso de capacitação de mediadores da exposição. **Foto:** Acervo Museu Goeldi/Serviço de Comunicação Social, 2012

O material produzido pelo projeto foi entregue para 145 escolas da zona urbana e rural do município de Monte Alegre (Figuras 10 e 11). A maior parte foi entregue à Secretaria de Educação do Município que se responsabilizou pela entrega em cada unidade de ensino. Para as escolas das comunidades localizadas no entorno do Parque

Estadual Monte Alegre (onde estão os sítios com arte rupestre) e para as escolas urbanas a entrega foi feita pessoalmente pela coordenadora do projeto.



**Figura 10** - Entrega do material nas escolas da zona rural localizadas no entorno do Parque Estadual Monte Alegre. Foto: Itajury Kishi, 2013



**Figura 11** - Entusiasmo das crianças da zona rural de Monte Alegre com o livro *Itaí - a carinha pintada*. Foto: Itajury Kishi, 2013

### As Ações em Belém

Em Belém do Pará, a exposição *Visões - A Arte Rupestre de Monte Alegre* foi montada no Prédio da Rocinha, no Museu Paraense Emílio Goeldi foi aberta ao público no dia 16 de maio de 2013. Durante os dois anos e meio que ficou em cartaz a exposição recebeu mais de 140 mil visitantes.

A inclusão social foi uma das preocupações do projeto. Na exposição em Monte Alegre, conforme já citado, foi construída uma rampa para dar acessibilidade a todos. Em Belém, visando alcançar um público ainda maior, a exposição contou com recursos para acessibilidade a cadeirantes, cegos e surdos. Para os cadeirantes o prédio da Rocinha conta com elevador especial; para os cegos foram colocados textos e legendas em Braille, uma maquete do sítio Pedra do Pilão, quatro reproduções de aquarelas em relevo (Figuras 12 e 13), uma reprodução de rocha com gravuras para ser tocada (Figura 14). Para os deficientes auditivos foi feito um vídeo onde uma interprete de libras apresenta a exposição. As parcerias com o Instituto José Álvares de Azevedo<sup>4</sup> e com Priscila Resque, interprete de Libras, foram fundamentais para viabilizar a acessibilidade a todos.



**Figura 12** - Aquarelas em relevo para os deficientes visuais. **Foto:** Edithe Pereira, 2013



**Figura 13** - Aquarela em alto relevo e legenda em Braille. **Foto:** Edithe Pereira, 2013



**Figura 14** - Reprodução de rocha com gravuras para ser tocada pelos visitantes. **Foto:** Edithe Pereira, 2013

<sup>4</sup> Escola cujo foco de Trabalho é a Educação e a Reabilitação de Pessoas com Deficiência Visual. <http://www.josealvaresdeazevedopa.xpg.com.br/index.html>

Durante a abertura da exposição os autores fizeram uma sessão de autógrafos para o público e foram entregues livros aos ganhadores do sorteio promovido pelo Museu Goeldi por meio das redes sociais (*twitter* e *facebook*).

A roda de conversa com Edithe Pereira, Mario Baratta e Juraci Siqueira, autores dos livros e com Fernando Segtowick, diretor do vídeo-documentário, aconteceu no dia 18 de maio no Auditório do Museu de Arte Sacra de Belém. O registro desse encontro foi feito pelo Museu da Imagem e do Som, parceiro do projeto nessa ação.

O objetivo desse encontro foi apresentar para o público a experiência dos autores nesse projeto, ou seja, apresentar as diferentes visões - a da arqueóloga, a do artista, a do poeta e a do cineasta - sobre um mesmo tema: a arte rupestre.

As ações educativas do projeto em Belém ficaram a cargo do Serviço de Educação do Museu Goeldi com uma extensa programação que foi amplamente divulgada nas escolas de ensino médio e fundamental de Belém (Figura 15).



**Figura 15** - Aspecto da exposição *Visões* em Belém. **Foto:** Edithe Pereira, 2013

Incentivados pelo projeto, um grupo de artesãos que historicamente já atuam relacionando sua arte à produção científica do Museu Goeldi, uniram-se em uma cooperativa - o coletivo Criar Amazônia - e desenvolveram sob a ótica da sustentabilidade e da economia criativa séries especiais de artesanato inspirado na arte rupestre de Monte Alegre. Os produtos desses artesãos ficaram à venda no prédio da Rocinha em um espaço próximo a exposição *Visões* (Figura 16).

Em dezembro de 2013, o coletivo Criar Amazônia foi contemplado pelo Ministério do Turismo com o prêmio “Boas praticas do turismo” por aliar ciência, artesanato sustentável e economia criativa.

Previsto inicialmente para ser executado ao longo de 2012 e 2013, o projeto *Arte rupestre de Monte Alegre - difusão e memória do patrimônio arqueológico* vêm apresentando uma série de desdobramentos que revelam que a divulgação desse patrimônio como uma ferramenta para a sua preservação vem alcançando resultados significativos, entre os quais destacamos:



**Figura 16** - (a) Loja para venda dos produtos do coletivo *Criar Amazônia*; (b) alguns produtos criados pelo coletivo *Criar Amazônia*. **Fotos:** Edithe Pereira, 2013

a) Itinerância da exposição *Visões - a arte rupestre de Monte Alegre*. A exposição montada em Monte Alegre foi doada à prefeitura desse município com o compromisso de dar continuidade a divulgação. A exposição tem itinerado por escolas de Monte Alegre e esteve por dois meses aberta ao público na Universidade Federal do Oeste do Pará, em Santarém.

b) Despertar de vocações para a ciência - um dos alunos do ensino médio de Monte Alegre selecionado para ser monitor da exposição *Visões* nessa cidade, hoje é aluno de graduação do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará;

c) O livro *Itaí - a carinha pintada* foi adotado em 2013 pela Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará para trabalhar o tema “Cultura Indígena”

d) Por dois anos consecutivos o projeto *Arte rupestre de Monte Alegre – difusão e memória do patrimônio arqueológico* ficou entre os finalistas em âmbito nacional do prêmio “Rodrigo Melo Franco de Andrade” do IPHAN;

e) A exposição *Visões - Arte rupestre de Monte Alegre* em Belém recebeu mais de 140 mil visitantes entre maio de 2013 a fevereiro de 2016.

f) O reconhecimento estadual e municipal do projeto - A coordenadora do projeto recebeu em 2013 o título de Honra ao Mérito da Assembleia Legislativa do Estado do Pará e o título de cidadã Monte Alegrense da Câmara de Vereadores de Monte Alegre;

g) Despertar de interesse pela defesa do patrimônio arqueológico de Monte Alegre - alunos dos cursos de Comunicação da Estácio - FAP, em Belém e do curso de Artes da Universidade Federal do Pará fizeram histórias em quadrinhos tendo as pinturas rupestres de Monte Alegre como tema.

h) A Câmara de Vereadores de Monte Alegre realizou em abril de 2015, audiência pública para cobrar das autoridades competentes o início da implantação da infraestrutura do Parque Estadual Monte Alegre, unidade de conservação que teve nos sítios com arte rupestre um dos motivos da sua criação. O grande número de participantes nessa audiência pública demonstrou que a população começa a valorizar o patrimônio arqueológico da região.

O projeto *Arte rupestre de Monte Alegre – difusão e memória do patrimônio arqueológico* vêm sendo executado desde 2012 e contemplou a divulgação do conhecimento científico por meio de novos produtos, que aliam pintura, poesia, educação, fotografia, recursos expositivos, impressos, vídeos, multimídias, divulgação jornalística e nas redes sociais. É um projeto que apresenta um circuito completo, exemplificando o que é preconizado como desejável pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – produção acadêmica, formação dos recursos humanos, aplicação do conhecimento, divulgação científica ampla, impacto em políticas públicas, interação com o universo escolar, inclusão social e geração de renda.

O projeto porta em suas realizações o tripé, ensino, pesquisa e extensão sobre o qual se assenta o ideal de sustentabilidade e fortalecimento das comunidades, com a preservação, tendo como protagonistas, os filhos da terra, onde um dia, grupos humanos deixaram inscrita, nas rochas, uma história da qual somos todos tributários na região.

## **Agradecimentos**

O projeto *Arte rupestre de Monte Alegre - difusão e memória do patrimônio arqueológico* foi concebido e coordenado por Edithe Pereira, arqueóloga do Museu Emílio Goeldi e sua realização feita por uma equipe de 35 profissionais que acreditaram no projeto e se dedicaram com afinco e paixão na sua execução, colocando nele os seus talentos e, acima de tudo, a crença de que a divulgação da ciência é o melhor caminho para a preservação do patrimônio arqueológico.

## **Referências**

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Museu Imperial, 1999.

IPHAN. *Educação Patrimonial - Histórico, conceito e processos*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.